

JUVENTUDE BRASILEIRA: VARGAS, TIRADENTES E O MITO DO SALVADOR

Angélica Müller

angelicamuller@bol.com.br

Resumo: O trabalho aqui apresentado faz parte da dissertação de mestrado em andamento sob o tema "A política de Juventude de Vargas e a criação e atuação da União Nacional dos Estudantes." O artigo aponta para uma reflexão acerca da construção da imagem de Vargas junto de seu projeto para juventude, Brasileira a partir da figura de Tiradentes. Para tanto, o aporte teórico utilizado está baseado, principalmente, nos escritos de Raoul Girardet.

Abstract: This work is part of dissertation of master degree and the theme of which is "The political youth of President Vargas and the creation and action of National Union of Students". The article looks objectively at the carefully constructed image of President Vargas and his Brazilian youth project, and how he was attempting to reflect the image of Tiradentes. The theory base of this study will be the writings of Raoul Girardet.

Uma das principais bases do regime de Getúlio Vargas estava centrada no seu conteúdo político-ideológico. Suas linhas estavam traçadas no livro de Francisco Campos, *O Estado Nacional*: sua estrutura seu conteúdo ideológico, inspirado nos escritos de Mihail Manoilescu, expoente na literatura clássica da ciência política crítica ao liberalismo. Além do trabalho citado, Campos procura buscar uma "justificação simbólica" em Olavo Bilac, homem que no início do século XX defendeu o fortalecimento do exército brasileiro, entendido como instituição representante da nação.

No projeto de construção deste Estado, a questão da soberania nacional tinha por instrumento de preparação civil a educação. Nesse sentido, existia um destaque para a juventude e sua formação: "Ao Estado caberia a responsabilidade de tutelar a juventude, moldando seu pensamento, ajustando-a ao novo ambiente político".¹

O que se buscava, conforme Bomeny, era o "meio-termo" nos moldes educacionais entre a experiência liberal e a fascista. Assim, num primeiro momento, preferiu-se a "militarização": "(...) se de um lado evita o individualismo pernicioso criado e procriado no liberalismo, de outro controla os possíveis excessos e as possíveis ameaças que um projeto de mobilização política da juventude poderia gerar".²

Não é a toa que a proposta inicial do projeto de "Organização Nacional da Juventude" foi elaborado dentro do Ministério da Justiça chefiado por Francisco Campos. Neste primeiro momento, não se faz menção de colaboração externa, nem mesmo do Ministério da Educação e Saúde, órgão que seria mais apropriado estar ligado à elaboração e execução do projeto. Conforme Bomeny:

*"Essa lacuna explicita o teor político-ideológico que foi imprimido ao projeto como fundamentalmente de mobilização político-miliciana da juventude no Estado Novo sob a direção e a orientação exclusivas e diretas do Presidente da República, Ministro da Guerra, da Justiça e da Marinha."*³

A inspiração veio nos modelos fascistas de arregimentação da juventude que circulavam na época, principalmente no alemão e italiano. Um documento, com timbre do Ministério da Educação e Saúde, sobre a Juventude Hitlerista entre vários comentários sobre seus objetivos dizia: "(...) atualmente cabe à Juventude Hitlerista a educação de toda mocidade alemã, estando predestinada a formar nos seus quadros o renovo para as fileiras do partido e para os serviços do Estado".⁴

Como objetivo primordial a Organização teria por fim:

*"assistir, educar a mocidade, organizar para ela períodos de trabalho anual nos campos e oficinas, promover-lhe a disciplina moral e o adestramento físico, de maneira a prepará-la ao cumprimento dos seus deveres para com a economia e a defesa da nação."*⁵

O documento elaborado em março de 1938 estava composto de um decreto – lei e de um projeto de regulamento técnico-disciplinar, este bem mais extenso, contendo toda a estrutura, finalidade da Organização que seria administrada por um Conselho Nacional, chefiado pelo Ministro da Justiça.

O intuito de arrematizar, de formatar a juventude em milícias era extremamente claro, como mostra o artigo 17 do primeiro capítulo do regulamento técnico disciplinar:

*"A forma pré-militar da Organização Nacional da Juventude é dada pelo caráter especial de agrupamento dos seus filiados em formações ordenadamente constituídas, submetidas ao comando dos chefes hierarquicamente subordinados, sujeitas a um código de disciplina individual e coletiva emoldadas no espírito e na estruturação do Exército Nacional."*⁶

As críticas não demoraram a chegar. Em 09 de setembro de 1938 o Ministro da Guerra, Eurico Gaspar Dutra, dirigiu um substancioso documento reservado ao Presidente da República onde entre inúmeras sugestões comenta:

*"No Brasil e no momento atual, é mais que indicado esse trabalho de educação moral, física e intelectual da mocidade. Mas, para que seja atingida a finalidade visada, torna-se necessário que a organização da juventude brasileira se faça de acordo com as nossas realidades, boas ou más, e nunca sob inspiração de modelos que não se ajustam ainda ao nosso meio. E, ao que parece, é isso que se desprende do projeto ora em apreço".*⁷

A conclusão que Dutra chega é de que o projeto atende, naquele momento, a uma necessidade de ordem cívica, política e social, mas que não se ajusta à realidade brasileira. Propõe que, em lugar de arrematizar a juventude, melhor seria que esta se constituísse de toda a população escolar onde as próprias escolas seriam as "células" da nova organização. Assim poder-se-ia combater, conjuntamente, outro problema: o analfabetismo.

Na mesma linha de raciocínio encontra-se a opinião do Ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema. Em carta enviada a Getúlio Vargas em 19 de setembro de 1938, Capanema argumenta que a organização da maneira que foi traçada torna-se um aparelho desligado da escola e, a seu ver, para melhor funcionamento do projeto, o mesmo deveria estar vinculado ao Ministério com suas devidas alterações. Inspirado no projeto português que, em seu decreto-lei nº. 26.611 de 19 de maio de 1936 instituiu a medida provisória cuja finalidade "se destina a estimular o desenvolvimento integral da sua capacidade física, a formação do caráter e a devoção à Pátria, no sentido da ordem, no gosto da disciplina e no culto do dever militar"⁸, o Ministro propõe a mudança de nome, passando a chamá-lo de Juventude Brasileira. Sugere também a restrição de objetivos limitando a Juventude Brasileira à educação física, moral e cívica, retirando o ensino militar. Entre outras críticas destacou o "inchaço" nos aparelhos com a mega estrutura proposta pelo Ministro da Justiça além dos gastos vultosos. Segundo Bomeny:

*"A Organização Nacional da Juventude foi um ensaio fracassado de transformação da ideologia fascista em prática política. A transposição imediata viria, contudo, sofrer as resistências mais ou menos acentuadas em primeiro lugar, da parte do Exército, que se viu atingido em sua autonomia e também no monopólio do uso da força e da militarização a ele reservado no sistema político."*⁹

A autora ainda argumenta que na ausência de um partido oficial esta poderia representar uma organização paralela possibilitando a duplicação de esferas de poder, o que foi advertido pelo Ministro da Guerra. Podemos verificar a existência dessa preocupação, típica de um estado autoritário, que quer ter sob seu controle todas as questões, principalmente no que diz respeito a agrupamentos e suas finalidades.

Sendo assim, o movimento de "militarização da juventude", passou a figurar como movimento de amor e zelo à Pátria além de propiciar a formação da consciência do cidadão para juventude.

As críticas acabaram por tornarem-se vigentes e, a partir daquele momento uma nova estrutura e um novo projeto começaram a ser elaborados. Alguns órgãos analisaram o projeto e enviaram seus pareceres ao Presidente da República. Em 02 de março de 1940 era aprovado o decreto-lei n.º 2072 que instituía a Juventude Brasileira.

Várias foram as discussões para elaboração de um novo Projeto para a juventude, acabou prevalecendo mais as idéias do Ministro da Educação e Saúde. Entre outras questões a Juventude Brasileira passou a ter por finalidade principal o culto constante à Pátria: "despertando veneração pelos seus grandes mortos e entusiasmo pelos seus grandes feitos; despertando o amor para com os ideais e interesse com os problemas nacionais e suscitando a prática das virtudes patrióticas."¹⁰

Bomeny destaca que, esvaziada das pretensões iniciais, a Juventude Brasileira se limitaria ao culto mais ou menos ritualístico das grandes datas nacionais, sem que ninguém por ela realmente se interessasse e tratasse de dar-lhe impulso.¹¹

Dentre as várias comemorações cívicas em todo território nacional propostas, Ministro Capanema sugeriu dia de 21 de abril para data de comemoração da "Juventude Brasileira" e, conseqüentemente, Tiradentes seu herói. As opiniões foram variadas quanto à figura do "herói-símbolo" da República e, mais tarde, acabou prevalecendo a figura do próprio presidente Vargas e a data de seu aniversário: 19 de abril. Pelo significado da discussão, vale demonstrar como se apresentou a questão do nome de Tiradentes e, principalmente, a partir daí o uso de sua "imagem" empregado para formação de uma identidade comum para juventude através da sua mitificação.

Cabe aqui ressaltar que a imagem de Tiradentes vem sendo, desde o século XIX, objeto de disputas políticas e ideológicas que ora recobrem com um matiz, ora com outro. Figura maleável, Tiradentes, serve tanto como vencido quanto como vencedor. Para uns uma figura de pouca expressão, para outros um verdadeiro mártir.

No documento enviado ao Presidente da República, Gustavo Capanema sugere várias modificações no decreto-lei organizado à Juventude Brasileira. No primeiro item trata a questão de Tiradentes. Capanema, favorável à figura desse "herói", escreve:

*"Diz a crítica que esta é uma data sem significação e Tiradentes, um herói muito pouco imponente e de pouca exemplaridade, e acrescenta que seria conveniente procurar um herói mais jovem acerca de quem pudesse criar uma lenda interessante."*¹²

Apresentando seus motivos, o Ministro da Educação e Saúde, redige um texto imbuído de palavras simbólicas para demonstrar a figura exemplar do nosso "mártir da República". Para Capanema a data do dia 21 de abril é gloriosa, "cheia de beleza e força" marcando o real início da Independência e da República. E, Tiradentes, é uma das figuras mais "exemplares e impressionantes, não só da nossa história, mas de toda história humana"¹³ pela sua coragem, clarividência, capacidade de atuar e dirigir, em meio a outros atributos.

Podemos assim, assinalar uma outra intenção para este Projeto. Por considerar-se um novo regime, em antítese ao "antigo", que passa ser considerado gerador de todos os "males", o governo de Getúlio Vargas procura construir uma nova "cara", uma nova identidade para esta nação. E nada mais justo que passar a incutir este novo ideal na própria juventude. Para tanto, justificar e afirmar esta nova política através de mitos se fazia essencial.

Segundo Schawrtzman e outros, Francisco Campos, em seu livro, mostra sua preocupação com a "integração política" no sentido de arregimentar as massas segundo um ideário comum. Para esses autores:

"O mundo moderno é um mundo onde o que predomina é a cultura de massa, que acaba gerando a mentalidade de massa, uma nova forma de integração que se origina nos mecanismos de contágio via ampliação e difusão dos meios de comunicação. (...) Numa época em que as forças que estão desencadeadas é preciso que se construa um mundo simbólico para arregimentá-las,

*unificando-as de forma decisiva, de tal forma que esse mundo simbólico se adapte às tendências e aos desejos das massas humanas".*¹⁴

Vem do próprio Campos a passagem: *"O irracional é o instrumento da integração política total, e o mito que é sua expressão mais adequada, a técnica intelectual de utilização do inconsciente coletivo para o controle político da nação."*¹⁵

Sem dúvida, para o *"projeto político de integração nacional"* era necessário recorrer aos canais de comunicação para difundir a (re)criação de símbolos, crenças, mitos, enfim, *"tradições inventadas"* para dar sustento e vida a esta nova nação. Tomemos como referência o que diz Eric Hobsbawm:

*"Por tradição inventada entende-se um conjunto de práticas normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas, tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado".*¹⁶

Assim, podemos visualizar no regime de Vargas a potencialização de certas *"questões"*, típicas em um estado autoritário, às massas. Segundo Raoul Girardet¹⁷ não há quase grupo político que não apele para *"grandes ancestrais"* quando se trata de afirmar sua legitimidade ou ainda garantir sua continuidade no poder. Vargas se faz valer principalmente do aparelho estatal para construção desta nova *"legitimidade"* que passa a vigorar e tem por centro a juventude. Ainda, conforme Girardet, o aparelho político e administrativo não é a única aposta para manipulação, mas sim uma estratégia multidimensional se expandindo para os domínios da vida coletiva, mecanismos econômicos e, principalmente, no sistema educacional. Não é a toa que no projeto do Estado Novo se vê um destaque para a juventude, para a educação.

Proporcionar *"mitos"* para uma sociedade carente de identificação e pronta para se *"erguer"* como nação. Temos assim, em primeiro lugar, a própria imagem do líder mitificada. Para Francisco Campos: *"o papel do líder carismático como centro da integração política como sustentáculo da formação do totalitarismo."*¹⁸ Começando pela própria oratória em Getúlio: é com o *"poder do Verbo"*, segundo aponta Girardet, que se dirige toda sociedade, que passa a se exprimir na própria figura do chefe, do Salvador.

Essas representações, segundo Lúcia Pereira das Neves¹⁹, são produtos gerados pela importância dos acontecimentos, impregnadas pela força do mito. Conforme Girardet, o mito político *"é instrumento de reconquista de uma identidade comprometida."*²⁰ O mito serve para dar legitimidade e racionalidade ao passado ao mesmo tempo em que é um mecanismo para poder interpretar a realidade, *"chave de explicação"* para o período. *"Marcado, condicionado pelo contexto factual em que se desenvolve, o mito pode assim aparecer, e de maneira mais sugestiva ainda, como uma espécie de revelador ideológico, o reflexo de um sistema de valores ou de um tipo de mentalidades."*²¹

Dentro do complexo mitológico apresentado por Girardet o *"mito do Salvador"* é aquele que mais se encaixa, no caso aqui trabalhado, uma vez que suas elucidações servem para demonstrar a própria figura de Vargas em seu regime e também para identificar a figura proposta como *"herói-símbolo"* da Juventude Brasileira: Tiradentes. É dentro destes dois tempos, passado e presente, que o Estado Novo vai criar sua simbologia. Nas palavras de Girardet:

*"Há o tempo da presença, do Salvador enfim surgido, aquele, sem dúvida, em que o curso da história está prestes a se realizar, mas aquele também em que a parte da manipulação voluntária recai com maior peso no processo de elaboração mítica. E há ainda o tempo da lembrança: aquele em que a figura do Salvador, lançada de novo no passado, vai modificar-se ao capricho dos jogos ambíguos da memória, de seus mecanismos seletivos de seus rechaços e de suas amplificações."*²²

Girardet mostra que o Salvador, o *"homem providencial"* sempre aparece como um lutador, um combatente.

"Sempre ameaçado, sempre resistindo à beira do precipício, recusa a submeter-se ao destino. Quer restaure a ordem estabelecida ou a subverta, quer organize ou anuncie aquela que está por vir, é sempre, por outro lado sobre uma linha de ruptura dos tempos que se situa seu personagem. É na manifestação do presente imediato – presente de decadência, de confusão ou de trevas – que ele se afirma e se define; com ele, graças a ele, o 'depois' não será mais como o 'antes'".²³

Assim é visto o vulto de Tiradentes, assim é projetada a figura de Vargas, "heróis" que rompem com o seu passado projetando um futuro melhor para sua nação.

Outro ponto abordado por Capanema em seu documento refere-se à questão da idade. O Ministro chega à conclusão que Tiradentes, com cerca de quarenta anos na época em que foi morto, era um homem jovem e que "nenhum herói da nossa história é mais próprio do que ele para figurar como guia e inspiração da juventude".²⁴

Se levarmos em conta que o mito é esvaziado de tempo e que o mesmo pode ser reinventado, reinterpretado, reconstruído por quem dele se vale, mas sem deixar de lado sua base histórica, veremos que não importaria se Tiradentes tivesse trinta ou cinqüenta anos, pois serviria para o propósito que estava sendo aclamado. Conforme Girardet:

"Todo processo de heroificação implica, uma certa adequação entre a personalidade do salvador virtual e as necessidades de uma sociedade em um dado momento da sua história. O mito tende, assim, a definir-se em relação à função maior que se acha episodicamente atribuída ao herói, como uma resposta a uma certa forma de expectativa, a um certo tipo de exigência".²⁵

No seu livro *Mitos e mitologias políticas*, o historiador citado traz o exemplo da Juventude Hitlerista. Girardet ressalta que a referência ao episódio nazi retrata "uma juventude que exalta, através do engajamento político, seus próprios valores de categoria de idade e tenta impô-los à sociedade inteira".²⁶ Diz ainda: "Nessa perspectiva, com efeito, o chefe destinado ao papel de guia profético bem parece ter por missão essencial encarnar, engrandecendo-os, os sonhos, as certezas e as expectativas da condição do adolescente (...)"²⁷

E, é nessa perspectiva que vem a figura de Vargas, o "chefe" que 'surge' para dar condições às aspirações de uma juventude que seu próprio regime tenta moldar. Assim também pode ser encarada a imagem de Tiradentes como portador da liberdade e dos sonhos utópicos para o futuro.

¹ SCHWARTZMAN, Simon. BOMENY, Helena M. B. & COSTA, Vanda M. R. *Tempos de Capanema*. Rio de Janeiro: Paz e Terra/ São Paulo: EDUSP, 1984. p.83.

² Helena M. B Bomeny. Três decretos e um ministério: a propósito da educação no Estado Novo. In: Dulce C. Pandolfi (org.) *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999. p. 144.

³ Helena M Bomeny. *Organização Nacional da Juventude: a política de mobilização da Juventude do Estado Novo (documento de trabalho)*. Sem data, p. 14 Arquivo GC 38.08.09 r: 51 pasta I – 5. CPDOC/ FGV.

⁴ Arquivo GC 38.08.09 r: 51 pasta I – 5. CPDOC/ FGV.

⁵ Arquivo GV 38.03.00/1, CPDOC/ FGV

⁶ Arquivo GC 38.08.09 série g, r:51 fot 792.

⁷ Arquivo GC 38.08.09 série g, r:51 pasta 1-1.

⁸ João Paulo Avelãs Nunes. As organizações de juventude do Estado Novo (1934-1949). In: Do Estado Novo ao 25 de abril. *Revista de História das Idéias* 17. Instituto de História e teoria das idéias. Faculdade de Coimbra, 1995. p. 181.

⁹ Helena Bomeny. In: Pandolfi. *Op. cit.* P.150.

¹⁰ GCg 38.08.09 r:52 fot 322

¹¹ *idem*, p.150.

¹² Arquivo GC 38.08.09 r 52 pasta II - 20, CPDOC/ FGV.

¹³ *Idem*. Francisco Campos. *O Estado Nacional: sua estrutura, seu conteúdo ideológico*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1940. p. 12.

¹⁴ Simon Schwartzman; Helena M. B Bomeny & Vanda M. R Costa. *Op. Cit.* p. 81

¹⁵ Francisco Campos. *O Estado Nacional: sua estrutura, seu conteúdo ideológico*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1940. p. 12.

¹⁶ Eric Hobsbawm; Terence Ranger. *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 1997. p.09.

¹⁷ Raoul Girarde,. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

¹⁸ Simon Schwartzman; Helena M. B. Bomeny & Vanda M. R Costa. *Op cit.* p.81.

¹⁹ Lúcia Maria Bastos Pereira Neves. *As representações napoleônicas em Portugal: imaginário e política (c. 1808-1810)*. Tese apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, como requisito ao Concurso Público para professor titular na área de História Moderna. Rio de Janeiro, digitada, 2002.

²⁰ Raoul Girardet. *Op. cit.* p.183

²¹ *idem.* P.83

²² *ibidem.* p. 72

²³ Raoul Girardet *Op. cit.* p.80

²⁴ Arquivo GC 38.08.09 r 52 pasta II - 20, CPDOC/ FGV.

²⁵ Raoul Girardet *Op cit.* p. 82

²⁶ *idem.* p. 94

²⁷ *ibidem*